



Olga Benário e a escrita epistolar: uma história que se conta

Olga Benario e la escrita epistolar: una historia que se cuenta

Mariana Bisaio Quillici*

Resumo: Este artigo analisa uma das cartas escritas por Olga Benário no período em que esteve na prisão feminina de Berlim, lugar onde nasceu sua filha, Anita Leocádia, e onde permaneceu até que a menina lhe fosse tirada e entregue à avó paterna. Apesar de parecer uma simples epístola, percebemos que as linhas escritas por Olga estão carregadas de representações e significados; dessa forma, analisamos não apenas seus aspectos como gênero epistolar, mas, também, como espaço biográfico com base em teóricos como: Peter Gay, Leonor Arfuch e Silviano Santiago. Integramos, a esta análise, as reflexões de Walter Benjamin sobre os conceitos de vivência e de experiência, analisando a forma como estes podem ser percebidos na carta de Olga.

Palavras-chave: Olga Benário. Biografia. Carta.

Resumen: El presente artículo analiza una de las cartas escritas por Olga Benário en el período que estuvo en la prisión femenina de Berlín, lugar donde nació su hija, Anita Leocádia, y donde permaneció hasta que la niña le fue sacada y entregada a la abuela paterna. Aunque parezca una sencilla epístola, percibimos que las líneas escritas por Olga están cargadas de representaciones y significados, así, analizamos no sólo sus aspectos en cuanto género, pero también, en cuanto espacio biográfico con base en teóricos como: Peter Gay, Leonor Arfuch y Silviano Santiago. Integramos a este análisis las reflexiones de Walter Benjamin con relación a los conceptos de vivencia y de experiencia, analizando la forma como estos pueden ser percibidos en la epístola de Olga.

Palabras claves: Olga Benário. Biografía. Carta.

Olga Benário pode ser considerada uma das militantes mais importantes da história política do Brasil. Nascida em Munique, na Alemanha, em 1908, filha de judeus tradicionais, aos 15 anos, entrou para a juventude comunista e, em 1928, foi para Moscou, onde iniciou sua carreira no Comintern. Em 1934 foi destinada a garantir a chegada segura de Luiz Carlos Prestes ao Brasil, onde esse lideraria a Intentona Comunista.¹

Durante a viagem até o Brasil, eles se apaixonaram e, com o fracasso da revolução, os dois foram presos e separados. Na prisão, ela descobre que está



grávida e empreende uma grande luta com o apoio da sogra, Leocádia, para ter a filha no Brasil, o que não acontece. O então presidente, Getúlio Vargas, a envia para os nazistas.

Mesmo separado, o casal manteve uma intensa troca de cartas até que, em fevereiro de 1942, Olga foi morta na câmara de gás do campo de concentração de Bernburg.²

Algumas dessas cartas foram reunidas por Anita Leocádia e Lígia Prestes em uma coleção de três volumes intitulada *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*, juntamente às outras cartas escritas e endereçadas a Prestes durante os anos em que ele esteve preso.

A importância da organização dessas cartas vai além de simplesmente tornar públicos tais documentos privados, pois configura um fenômeno contemporâneo no que diz respeito ao trabalho com a memória: a responsabilidade dos herdeiros das vítimas da Shoah.³ Larissa Silva Nascimento e Michelle dos Santos discutem, em seu artigo “Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em *Maus*, de Art Spiegelman, e em *Os emigrantes*, de W. G. Sebald”, como as representações da memória da Shoah passam a ser responsabilidade dos filhos das vítimas; como podemos ler:

Com a morte de grande parte dos sobreviventes e das testemunhas oculares, com o distanciamento do ocorrido, com as comemorações pelos 70 anos do início da Segunda Guerra Mundial e, ainda, com o Holocausto se tornando um explícito objeto da cultura de massa, as formas de representações literárias e artísticas foram expandidas. Nesse momento, por exemplo, quem passa a representar a *Shoah* é a segunda geração (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p. 98).

No caso de Olga, que foi morta no campo de concentração e, conseqüentemente, não pode tornar público o testemunho dos seus dias como prisioneira, a organização de documentos, como é o caso das cartas, partiu de sua filha Anita, que contou com a ajuda de sua tia Lygia.

Proponho, a seguir, a leitura de uma das cartas encontradas na referida obra:

Berlim, 05/01/1938



Meu Karli querido.

Ontem me trouxeram a carta de Mamãe de 24 de dezembro e a tua de 12 de outubro. É difícil descrever o quanto o meu coração ficou aliviado, sabendo que estavas bem até 14 de dezembro. Foram semanas longas e difíceis, sem tuas notícias. Certamente, sabes por experiência própria quantas vezes a gente lê uma carta semelhante e que, com cada palavra do outro, as imagens adquirem, um colorido novo, e como o coração se aquece...

Mas há tantas coisas novas para contar da nossa pequenina, que não sei absolutamente como dizer tudo isso numa carta. Assim, sua linguagem torna-se agora mais compreensível. Quando lhe visto seu capote de lã para ir passear diz toda agitada: “Ada-ada”. Quando a gente lhe pergunta: “o quanto você é grande?”, ela levanta os dois braços pra cima e ri. Ao comer se a gente pergunta: “está bom?”, ela bate em sua barriguinha. Quando quer obter alguma coisa, estende a mão em direção ao objeto e diz: “é”. Eu me esforço para ensinar-lhe a dizer “bitte, bitte”, e, às vezes, sai bem baixinho: “bitze, bitze”.

Perguntas como é o seu caráter. Meu querido, esta pessoinha é tão cabeçuda, que apenas posso imaginar que a sua cabeça representa a soma de nossas duas cabeças duras. Existe uma luta silenciosa entre a Anita e eu: quem a quem? Mas, do seu lado, ela leva uma grande vantagem: o meu coração de mãe está cheio de amor e ternura. Devo seguidamente pensar agora na linda história de Jono, que batia com os pés e gritava para si mesmo “não quero”. Pois a nossa pequenina comporta-se de maneira igual, quando quer obter alguma coisa. Bate com os pés, chora e fica roxa de raiva. Se não cedo, acaba se acalmando depois de algum tempo, vira as costas e vai brincar. Se tento atraí-la para alguma outra coisa, deixa ajuizadamente que o faça, mas depois insiste exatamente como antes, naquilo que queria ter antes – ela não esquece. Mas quando atinge o seu objetivo, por exemplo, quando quer que a tome em meus braços, teria que ver a expressão de contentamento em seu rosto. Mas tudo isso só dura um instante; logo depois seus olhos, cheios de espírito de aventura, buscam um outro objeto, pois nos braços de sua mãe é possível



atingir os objetos que estão no alto, de outra forma inacessíveis.

Como agora parece que os dentes não lhe incomodam, ela está com boa saúde, cheia de petulância e de alegria. Quando passeamos no pátio, seguidamente a deixo, agora, andar livremente, conduzindo-a por uma correia. Ela se comporta mais ou menos como um potrinho: corre pra frente, em volta, e, se isso não vai bastante depressa, anda no mesmo lugar, como se quisesse dançar. Todas as demais prisioneiras acham graça nela e a chamam “raio de sol da Barminstrasse”. Precisavas vê-la pela manhã, quando corre rapidamente pela cela, vestida com uma longa camisola de dormir, que lhe vai até os pés, os cabelos em desordem em volta do rosto, as faces vermelhas de sono. Então ela tem o aspecto de uma mulherzinha de Lilipute.

Como no Natal me permitiram comprar alguma coisa para uma amiga que conheci aqui, mandei comprar alguns brinquedos. A alegria da pequenina era indescritível. É interessante que na primeira noite ela brincou apenas com dois dos novos brinquedos. As outras coisas só foram pegadas no dia seguinte. Temos, por exemplo, sete caixinhas quadradas, que se podem meter uma dentro da outra e com as quais também se podem construir torres. E, imagina tu, mesmo sem cálculos matemáticos, fazemos construções fantásticas! Ou melhor, eu construo e a Anita desfaz. Entretanto, ela não derruba a torre, mas pega com cuidado um cubo depois do outro. Seguidamente imagino que alegria e que repouso seriam para ti brincar agora com a pequenina. Na prisão, organizaram uma festinha de Natal e eu fui com a Anita para que ela visse a árvore de Natal iluminada. E, imagina só, em meio ao silêncio solene, a pequenina dizia em voz alta: “maman, a-a”.

Devo-te ainda falar do amor da Anita pelo cachorro da prisão. Quando o vê, atrás das grades no pátio, ela não se mexe mais. Com a vizinha de criança, diz de quando em quando: “mama, au-au”. Mesmo quando o cachorro late, a gente não consegue separá-la dele. Creio que o “Príncipe” e ela teriam sido amigos inseparáveis. Finalmente, devo dizer-te que a Anita diz “papá” pelo



menos com a mesma frequência que “mama”, talvez até mais seguido. Quando está brincando, quando fica contente, mesmo quando está adormecendo e, de acordo com o seu humor, ou choramingando, ou ternamente, ela repete sempre: “ba-ba” em suas conversas. Mas chega por hoje de “mademoiselle Pong-Pong”.

Tive que rir de teres aprendido de cor uma canção alemã e logo qual. Pareces enriquecer teu repertório de palavras no sentido correto...

Finalmente, devo protestar com toda energia contra a atividade estafante de dois olhos negros, cujas relações com uma certa pessoa te são sem dúvidas conhecidas.

Termino esta carta, pedindo-te que me digas se a tua situação se agravou, se estas bem de saúde. Escreve mais a respeito de tuas leituras, pois se tu lês muito, eu leio muito pouco.

Agora devo dar um banho na Anita. Nos duas te abraçamos, cheias de amor e de carinhos por ti e eu te beijo. Tua (PRESTES, 2002, p. 419).⁴

As correspondências, segundo Leonor Arfuch (2010), como espaços biográficos, traçariam um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do indivíduo. Assim, a carta em questão parece se configurar como o espaço possível de reflexão encontrado por Olga Benário para relatar sobre o desenvolvimento de sua filha e expressar seus sonhos de um dia poder reunir sua família.

Considerando, ainda, a discussão proposta por Arfuch, o termo vivência marca as narrativas autobiográficas por “se encontrar numa relação imediata com o todo, com a totalidade da vida” (GADAMER, In: ARFUCH, 2010, p. 38); disso, então, apreende-se que a vivência pode ser o que ressoa como inquietude existencial nas narrativas autobiográficas.

Maurice Blanchot observa, sobre o diário íntimo, que este aparece como “proteção contra a loucura” (BLANCHOT, 2005, p. 273). Assim, relacionando essa reflexão à escrita das cartas, o leitor pode perceber que de forma semelhante as cartas de Olga, por serem a única forma de comunicação com a família, funcionam também como uma forma de proteção. Afinal, presa e isolada, a comunicação é, acima de tudo, uma forma de desabafo, que lhe possibilitava dividir seus pensamentos e sentimentos, permitindo que ela, por alguns instantes, escapasse daquela realidade de limites e privações.



Blanchot se refere, ainda, ao diário como uma empresa de salvação:

[...] escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias (BLANCHOT, 2005, p. 274).

Para Olga, a carta seria a única forma de comunicação pelo qual recebia notícias do marido e da sogra, a quem chama com carinho de “mamãe”, era também uma forma de salvação. Salvação para seus dias com a filha na prisão, pelo relato do modo como a estava educando, para sua figura na memória do marido, e até para a esperança de um futuro reencontro que ficava registrado naquelas linhas.

Walter Benjamin discute, em “A imagem de Proust” (1994), o acontecimento vivido, aquele que acaba, “ou pelo menos se encerra na esfera do vivido” (p. 37) e o acontecimento lembrado, o que não tem limite, que “é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (p. 37). Assim, refletimos sobre a forma como a carta é capaz de reavivar sentimentos: no momento em que o destinatário lê aquelas palavras vê resurgir lembranças que estavam guardadas e começa, então, a fazer ligações entre passado, presente e futuro.

O fato de as cartas serem a única forma de comunicação para o casal, torna-as mais interessantes ao leitor. É curioso como a sensação de se abrir um envelope é insubstituível, o contato com uma carta, principalmente de amor, cria a ideia de que o remetente se dispôs a passar certo tempo diante do papel e que a grafia de suas letras é uma extensão do próprio eu, do ser amado. Olga descreve bem o sentimento que lhe é causado pela chegada da carta: “Certamente, sabes por experiência própria quantas vezes a gente lê uma carta semelhante e que, com cada palavra do outro, as imagens adquirem, um colorido novo, e como o coração se aquece...” (PRESTES, 2002, p. 419).

Jeanne Marie Gagnebin (1994), seguindo nessa reflexão, discute a diferenciação feita por Walter Benjamin entre os termos vivência e experiência. A experiência, *Erfahrung* em alemão, representa o modo de vida que pressupõe o mesmo universo de linguagem e de prática, associando a vida particular à vida coletiva. Já a vivência, *Erlebnis*, passa pela ideia de estar em vida quando algo acontece. Assim, a *Erlebnis* é o efeito imediato produzido pela impressão forte causada



por uma vivência isolada na história pessoal do indivíduo, representa a “experiência vivida, característica do indivíduo solitário; esboça ao mesmo tempo uma reflexão sobre a necessidade de sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social.” (GAGNEBIN, 1994, p. 9).

Nesse sentido, a carta seria um relato pessoal de Olga sobre o seu cotidiano com a filha na prisão, suas preocupações com o marido e seus sonhos para o futuro. Trabalharemos com a ideia de vivência, *Erlebnis*, uma vez que nela se apresenta um indivíduo solitário que, por meio das missivas, pretende, além do ato de relatar, se manter viva na memória daqueles que, apesar de seus sonhos, não sabe se voltará a ver.

Segundo Santiago (2006), o missivista se põe de forma diferente diante do papel, dependendo de seu remetente; ou seja, o remetente guia a forma como se dará o conteúdo da carta:

A amizade é o norte que possibilita que caligrafia e sensibilidade datilográfica permaneçam as mesmas na folha de papel em branco. O nome do correspondente varia e gera um complexo sistema de dissolução do sujeito (como quero ser visto por fulano e sicrano?). Informações podem ser fornecidas, comentários podem ser feitos, críticas podem ser enunciadas, mas são fornecidos, feitos e enunciados de maneira distinta para cada correspondente. (SANTIAGO, 2006, p. 64).

Dessa forma, é possível entender que Olga trabalha, em sua carta, a vivência direcionada a seus remetentes. Portanto, ela se permite relatar o que considerava conveniente para o momento, a situação e seus leitores, no caso, o marido.

É importante que o leitor não perca de vista o contexto em que as cartas foram escritas para que possa compreender as necessidades de Olga Benário como mãe e militante. Mas, principalmente, enquanto prisioneira que vivia a sombra da censura de suas cartas, refém dos limites que lhe eram impostos pela Gestapo.⁵

A carta apresenta, enquanto espaço biográfico, a quem é remetida, as descrições mais “próximas” do cotidiano de quem a escreve, uma vez que, diferentemente dos demais espaços, ela é enviada com certa frequência. Portanto, é como se



fosse uma autobiografia diária, semanal ou mensal, mas que tivesse certa regularidade de tempo.

No caso de Olga, existia a intenção de que as cartas fossem enviadas semanalmente. Contudo, o fato de estar presa dificultava essa regularidade, pois não lhe permitiam escrever sempre, assim como limitavam a quantidade de linhas das cartas – o que inviabilizava o registro de algumas informações, a não ser o que fosse indispensável ou urgente – e, ademais, as cartas eram censuradas pela Gestapo.

Destacam-se grandes interrupções nessa correspondência. Na apresentação de *Anos tormentosos*, Anita Leocádia e Lygia Prestes explicam que havia grandes dificuldades também com relação à censura brasileira:

Nas condições de censura constante das cartas trocadas tanto com a família quanto com os companheiros e amigos – por vezes, algumas cartas eram apreendidas ou tinham parágrafos inteiros literalmente cortados à tesoura –, Prestes não poderia ser informado de grande parte dos problemas enfrentados pela família, para não falar da situação no mundo e no próprio Brasil. (PRESTES; PRESTES, 2000, p. 19).

Essa referência evidencia a dificuldade de se corresponder em um contexto de guerra e censura. Dessa forma, as cartas de Olga devem ser vistas com muita delicadeza, afinal, cientes de tais condições, os correspondentes poderiam, por exemplo, fazer uso de códigos para transmitir determinadas mensagens.

No entanto, apesar de ser um espaço biográfico censurado, o fato de ser a única forma de comunicação com Prestes fazia com que as cartas ainda lhe fossem um espaço para desabafo e para a revelação de sua subjetividade, mesmo que discreta, em alguns momentos.

Para Santiago (2006), entregando-se ao remetente, o missivista não se distancia de si mesmo. Seu texto é semelhante a um *alter ego* em busca de diálogo consigo e com o outro. É uma abertura que o sujeito oferece ao outro sobre si. Assim, é possível permitir que o sujeito reflita sobre ele no momento em que se revela para o outro. É dessa forma que Olga, ao se permitir o desabafo, reflete sobre a vida que teria ao lado de Prestes e Anita, como a filha se relacionaria com Príncipe, o cachorro que tinham no Brasil, a realidade da prisão; principalmente, ao descrever o comportamento da menina, seu



desenvolvimento e caráter, consegue refletir sobre seu caráter. Como podemos observar no seguinte trecho: “Perguntas como é o seu caráter. Meu querido, esta pessoinha é tão cabeçuda, que apenas posso imaginar que a sua cabeça representa a soma de nossas duas cabeças duras.” (PRESTES, 2002, p. 420). É possível imaginar que essa reflexão, por se mencionar o caráter de Prestes, a tenha feito relembrar os momentos em que estiveram juntos e, conseqüentemente, os ideais que os haviam levado a viver tal situação.

Retomando as reflexões de Arfuch, o caráter dialogal da correspondência adquire um peso determinante e específico nas cartas, na medida em que toda auto-observação requer um posicionamento do outro eu; por qualquer motivo que seja, curiosidade ou comoção, a posição do outro se faz necessária. Em específico nas epístolas, pois elas são capazes de manter a resposta direta do outro a quem são remetidas. Diferentemente dos diários, por exemplo, em que o outro é, na maioria das vezes, o próprio eu.

Sendo a carta a única ligação direta entre Olga e Prestes, e, mais que isso, a única prova que um poderia dar ao outro de que ainda resistiam à prisão e estavam vivos, era imprescindível que se correspondessem. A ausência das cartas gerava o silêncio e este gerava irritação ou angústia. Por esse motivo, para Peter Gay (1999), os casais que não podem manter a prática da correspondência diária se exortam a escrever com mais frequência e trocam promessas de maior assiduidade epistolar, garantindo, assim, a comunicação.

No caso de casais como Olga e Prestes, essa assiduidade era cobrada de outra forma, uma vez que, como já mencionado, a situação de cárcere e de censura impossibilitavam que escrevessem sempre. Olga assim pedia notícias de Prestes: “Termino esta carta, pedindo-te que me digas se a tua situação se agravou, se estas bem de saúde. Escreve mais a respeito de tuas leituras, pois se tu lês muito, eu leio muito pouco.” (PRESTES, 2002, p. 421). Com isso, ela parecia conseguir pontuar o que gostaria de saber com mais urgência, direcionando as informações das próximas correspondências.

A prática da escrita de cartas, segundo Arfuch, é a esfera do íntimo privado que passa a se delinear com certa autonomia, permitindo relações diferentes entre as pessoas. Isso acontece pelo fato de toda auto-observação requerer uma conexão com as condições anímicas do eu de seu remetente. Nas cartas de Olga, que tentava sustentar um relacionamento por detrás das grades, mantendo comunicação por meio das cartas, é perfeitamente possível entender que o posicionamento do outro, no caso Luiz Carlos Prestes, se fazia necessário, afinal



era uma forma de saber que ambos ainda sobreviviam à prisão, às torturas e aos interrogatórios.

No que diz respeito à discussão sobre a vivência, caberia aqui o diálogo com Jeanne Bem (1999, p. 113-15), para que se entenda que é preciso conceber a carta como um fragmento: a troca de correspondências transforma a sucessão de cartas em uma história e se constitui em rede textual. Na medida em que se trata do discurso de um eu que trata de si mesmo, a correspondência é lançada na direção dos gêneros literários de pacto referencial (Jeanne Bem faz referência a Philippe Lejeune). Desse modo, a vivência pessoal da realidade na prisão, traduzida em sentimentos e materializada em letras nas cartas, representa não apenas a história íntima de um casal, mas também, toda uma época de que este casal foi testemunha.

Além de fazer uso do espaço epistolar para este desabafo, é possível entender que Olga quer manter-se viva. Conforme Sheila Dias Maciel, citando Lejeune (1994, p. 55), em uma discussão sobre o diário, “para os escritores, um diário íntimo se converte num depósito de escrituras [...] o gênero diário é tão popular, porque casa-se bem com o desejo humano de salvar-se da morte” (MACIEL, 2000, p. 58). Articulando tal colocação com o gênero epistolar, encontramos, também, o desejo de salvar-se da morte; no entanto, parece-nos que nas cartas a tentativa de salvar-se da morte implica, diretamente, na necessidade de manter-se vivo no outro.

Nesta carta, Olga explica ao marido como tem criado a filha, as descobertas que tem feito e o cotidiano da criança; com isso, talvez quisesse deixá-lo ciente de que, se um dia seu sonho de reencontrá-lo não fosse concretizado, Prestes já saberia como seguir com a educação da filha iniciada pela mãe. Como vemos no trecho:

Quando passeamos no pátio, seguidamente a deixo, agora, andar livremente, conduzindo-a por uma correia. Ela se comporta mais ou menos como um potrinho: corre pra frente, em volta, e, se isso não vai bastante depressa, anda no mesmo lugar, como se quisesse dançar (PRESTES, 2002, p. 420).

Segundo Andrée Crabbé Rocha (1965):

[...] a carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante [...] Escreve-se, pois, ou para *não estar só*, ou



para *não deixar só*. Lição de fraternidade em que as palavras substituem os atos [...] participa embrionária ou pujantemente, do mecanismo íntimo da literatura. (ROCHA, 1965, p. 13).

Assim, a contextura literária da carta, ainda segundo Rocha, é um fator que se sobrepõe a um elemento primordial, ou seja, independente do missivista ser ou não um literato profissional, suas cartas podem transmitir, de maneira próxima da literatura, seus sentimentos, ou suas vivências. A solicitação imediata da expressão do sentimento, seja ele admiração, revolta ou amizade, ultrapassa a pena e revela dotes literários.

Sob tal reflexão é possível perceber a presença do traço literário na carta aqui discutida. Transmitindo aos destinatários a ideia de que está próxima mesmo estando longe, criando a fantasia de que poderia tocá-lo, como no trecho “Nos duas te abraçamos, cheias de amor e de carinhos por ti e eu te beijo” (PRESTES, 2002, p. 421). Ela escreve para não estar só, uma vez que a angústia lhe consumia e lhe causava preocupação.

O trabalho com as cartas, de transmitir os sentimentos do missivista ao *Outro*, possibilita a inclusão, desse, no relato. Para Arfuch, o *Outro* deixa de ser um espectador e passa a ser *coparticipe* envolvido em aventuras e segredos. Nos relatos epistolares, existe a impressão de imediaticidade, pois pareciam estar sendo contados em tempo real; isso levava o leitor a “olhar pelo buraco da fechadura com a impunidade de uma leitura solitária” (ARFUCH, 2010, p. 47).

Ao escrever suas particularidades na carta, Olga se remete ao Outro, compartilhando seu particular e íntimo, como podemos perceber no final da carta: “Tive que rir de teres aprendido de cor uma canção alemã e logo qual. Pareces enriquecer teu repertório de palavras no sentido correto...” (PRESTES, 2002, p. 421). A exposição de seu eu revela a intenção da partilha de seus sentimentos.

Segundo Lejeune (citado por ARFUCH, 2010, p. 52), a autobiografia seria o relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual. Deslocamos essa definição para o gênero carta, como espaço biográfico: acreditamos que esta afirmação traduz a carta de Olga, uma vez que se constitui como a descrição de sua vivência, carregada de retrospecto de sua própria existência.

Por fim, se, para Foucault (2002), escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro, é desta forma que Olga escreve suas



cartas: revelando um eu que resiste à prisão, ao centralismo, ao autoritarismo e, ao mesmo tempo, um eu fragilizado que tem em seu destinatário, um companheiro de lutas.

* **Mariana Bisaio Quillici** é mestrandia em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Notas

¹ A Intentona Comunista foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, em novembro de 1935, pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), em nome da Aliança Nacional Libertadora (ALN).

² As informações presentes nesses dois primeiros parágrafos foram retiradas da biografia de Olga Benário, escrita por Fernando Moraes (MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994).

³ Termo da língua ídiche que significa calamidade, catástrofe. A palavra Shoah substitui Holocausto, uma vez que essa vem carregada de significados que tentam justificar o genocídio sem justificativa, ou seja, provém da inconsciente exigência de “atribuir um sentido ao que parece não ter sentido” (AGAMBEN, 2008, p. 37).

⁴ BENÁRIO, Olga. [Carta] jan. 1938, Berlim [para] Prestes.

⁵ Gestapo, do alemão *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta do estado nazista.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BEM, Jeanne. O estatuto literário da carta. Trad. Cláudio Hiro. *Génèsis: Internationale de Critique Génétique*. Paris, n. 13, p. 113-115, 1999.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica; arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Vega/Passagens, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-19.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACIEL, Sheila Dias. *Diários: escrita do mundo*. Analecta. Guarapava: UNICENTRO, 2000.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCIMENTO, Larissa Silva; SANTOS, Michelle. Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em *Maus*, de Art Spiegelman, e em *Os emigrantes*, de W. G. Sebald. *Outra travessia*. Santa Catarina, n. 14, 2012.

PRESTES, Anita Leocádia; PRESTES, Lygia (Org.). *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. 3v. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PRESTES, Anita Leocádia; PRESTES, Lygia (Org.). *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. 3v. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ROCHA, Andrée Crabbé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.